Ano XVIII — Lisboa, Dezembro de 1962 — N.º 212

# SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Agraciado com o «Lis de Prata» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

# A Árvore e o Presépio

PELO REV. EDUARDO MOREIRA

Assentemos nisto: a vida do escoteiro procura ser vida simples, vida prática, vida alegre, bela e hábil. Assim, ele sabe que «o homem nasceu para o trabalho como as faúlhas das brasas para voarem». (Job, 5:7). O seu coração labora sempre, mesmo durante o sono, ele é o primeiro que vive e o último que morre em nós, como reza o prolóquio latino; e Júlio Dinis o lembrou numa das suas formosas páginas. Vida é movimento, em todo o metabolismo que a realiza e mantém. E para a marcha todo o seu conjunto orgânico foi criado. Como nota S. Paulo, em dois verbos gregos diferentes, na sua carta aos Gálatas (5:16 e 25), temos de andar por nós próprios, e andar de companhia, como dupla função necessária.

De aí vem a complicação social e a acumulação individual, por excesso, e a conveniência do regresso à simplicidade lógica e recompensadora. Porém, com as necessidades criadas através das gerações, só se poderá realizar vida simples por métodos práticos. Por outro lado, para evitar a fealdade, a monotomia, a linearidade fatigante, buscam-se meios de hàbilmente tornar a vida alegre e bela.

Ora tudo isto vem a propósito da Árvore-do-Natal e do Presépio. As gentes congènitamente tristes, o «Senhor Parece-mal» de Carlos Botelho, o cristão respeitàvelmente bisantino, aceitou bem a luta excitada entre a Árvore e o Presépio, como se fosse a «guerra do alecrim e da mangerona» do nosso genial e desditoso António José da Silva.

Haverá razão para tal?

Não e não, meus amigos. E como eu penso que seria muito bom para vós armardes árvores, mesmo pequeninas, com ramadas do nosso bom pinheiro marítimo, e construírdes presépios do nosso macio barro, decerto aqui mais antigo que o pinheiro, mas ambos companheiros sossegados e úteis de muitos séculos, venho falar-vos da paz em que uma e outra devem viver. «Coexistência pacífica» sem astúcia hipócrita.

A árvore festejada é pagã, clama-se, e o presépio é cristão. Sim, senhores, e de aí? Como me enternece o anseio pagão dos nossos Maiores de há dois e três mil anos, quando ausculto, através das relíquias da arqueologia e dos documentos ainda vivos da etnologia, a sua ânsia para o Infinito, para o Eterno, para o Insondável, para a Justiça imanente e a Providência entrevista! Nas florestas da Europa do Norte, ao ver a árvore crescer para o alto, o homem sonhou com

→

**SEMPRE PRONTO**

*deseja a todos os seus estimados Leitores, Colaboradores e mais Amigos um Natal muito feliz.*

## O 50.º aniversário do Grupo n.º 2

### Um telegrama de saudações do E. C. Luís Grau Tovar de Lemos

*O E. C. Tovar de Lemos, que durante 25 anos foi chefe dedicado do Grupo n.º 2, num dos períodos brilhantes daquela unidade escoteira, dirigiu, por intermédio do Sr. Dr. Francisco Cortês Pinto, o seguinte telegrama de saudações aos membros daquele Grupo, por ocasião das festas do 50.º aniversário da fundação:*

Felicitando, desejo manifestar aos escoteiros do 2.º Grupo a gran-

*Pág. 6* →

# Os cinquenta anos do Grupo 2

Quando se fala dos primórdios do Escotismo Português, vêm-nos logo à lembrança os grupos que constituíram a Associação dos Escoteiros de Portugal: O Um, o Dois e o Três.

O Grupo n.º 1, efectivamente o pioneiro do Escotismo em terras de Santa Cruz, já comemorou há meses o seu cinquentenário. Chegou agora a vez do Dois celebrar igual acontecimento.

Tratando-se de um dos grupos históricos do nosso Movimento, a passagem das bodas de ouro do Dois é um facto que não pode deixar de ser devidamente assinalado. O então tenente Álvaro de Melo Machado, o homem que, tempos antes, na sua estadia no Oriente, fundara em Macau o primeiro grupo de escoteiros português, fruto da intuição que tivera da capacidade do Movimento para a afirmação de caracteres, regressado à Metrópole, repete aqui em Lisboa essa experiência, lançando os fundamentos do Dois.

Numa noite do mês de Outubro de 1912, na Sociedade de Instrução Militar Preparatória n.º 2, que, nesse tempo, tinha a sede na Rua do Guarda-Mor, no característico Bairro da Esperança, aquele ilustre marinheiro meteu ombros a esta empresa que, em tempos tão distantes, se poderia denominar de temerária, escolhendo os primeiros aspirantes do Grupo.

Dando provas do espírito empreendedor que todos lhe reconheciam, o Comandante Melo Machado já em três do mês seguinte pôde fazer a apresentação pública do Grupo, durante um exercício realizado no

→

# A Árvore e o Presépio

a libertação, esboçou a metafísica, inventou deuses, até que Deus o encontrou, isto é, se fez encontrado com ele. Vem então o Presépio e nele o «Menino que nos foi dado», na frase inspirada de Isaías; nascido no estábulo, entre o boi e o jumento, cujos nomes, por serem eles os companheiros do aldeão palestino, foram insculpidos nas Tábuas da Lei, por dedos maravilhosos.

O Carpinteiro de Nazaré afeiçoa a manjedoura com jeitos de berço; a Mãe poetisa, a Mãe pensadora que vai guardando no coração todo aquele prodígio, e que S. Lucas nos faria entrever em perpétua beleza, cobre o berço de alvos panos; e aí se dá o parto mais prodigioso da História Humana, não tanto pela teatralidade desse drama como pelas consequências inauditas, ainda que preditas e aneladas.

E assim surgem os dois emblemas universais do Natal, não falando dos anjos, que aparecem em outras festas também, e das palmas, sinos e ovos, representativos da Páscoa. São aqueles, a árvore e o presépio, que alguns espíritos de partido põem em oposição irredutível, mas que os imitadores da «pragmática de amor» exercida pelo próprio Cristo, encararão como concorrendo em seu simbolismo para a compreensão sublime da Vida, da que vale a pena viver.

Os presépios têm belas tradições no nosso país, onde António Ferreira e Machado Castro os trabalharam com excepcional talento, em escultura. Na pintura, dois ou três séculos antes daqueles escultores, já Jorge Afonso e Frei Carlos, seguiam a linha artística dos mosaicos italianos e bisantinos, e dos pintores germânicos do «quatrocentos» e do «quinhentos»: João Burgkmair e Jerónimo Bosch.

Ah, rapazes! a vós me dirijo: que sonho—pintar, esculpir, arquitectar, e até musicar a Árvore, amiga do Homem, criatura de Deus, representante da espera incônscia do «Desejado das Gentes», e o Presépio, evocação gentilíssima do engenho humano, dramatização da cena mais terna que se lhe representou!

O necessário é que nos equilibremos, «vendo o invisível» em face do Presépio, para além do drama, e acompanhando a Árvore no seu progresso para a Altura.

Continuemos a cristianizar a árvore pagã, sem que jamais paganizemos o Presépio cristão.

EDUARDO MOREIRA

# Os cinquenta anos do Grupo 2

Campo Grande. Era a primeira de uma longa série de presenças do Dois em actividades escotistas nestes dez últimos lustros, o que indubitàvelmente dá ao acontecimento foros de histórico.

Embora, por motivos que talvez não possam ser apurados, o aniversário do Grupo passasse a ser comemorado no dia 1 de Dezembro, a inauguração do Dois foi feita no dia de Natal do ano de 1912, numa memorável festa realizada no Coliseu de Lisboa, não no edifício de todos conhecido das Portas de Santo Antão, mas numa outra antiga casa de espectáculos que existiu num local que hoje pouco mais é que uma recordação da Velha Lisboa: — a Rua da Palma.

Foi uma reunião inolvidável que os velhos escoteiros do Dois recordam com viva saudade como um dos momentos mais caros do espólio do historial escotista do Segundo Grupo.

Nas suas fileiras apareceram nomes que ganharam jus a figurar nos anais do Escotismo na nossa terra, homens que ofereceram, com a sua acção e com as suas virtudes, muito do prestígio de que o Movimento nos dias de hoje goza.

O que foram os primeiros tempos de vida do Dois, sob o influxo de entusiasmo que os predicados do Escotismo geraram nos seus sequazes, não é fácil de descrever. A dedicação desses Escoteiros de há meio século é ainda mais de enaltecer se nos lembrarmos que se revelou numa altura em que o Movimento não era devidamente compreendido pela população. Tal estado de coisas fazia com que se tivesse de lutar contra um ambiente por vezes bastante desfavorável e até hostil. Isso deu azo a que hoje se considere essa época como os tempos heróicos do Escotismo em Portugal.

Mais tarde, já com a sede instalada na Rua da Emenda, na Academia de Estudos Livres, após uma breve passagem pela Rua da Paz, a actividade do Dois caracterizava-se pela audiência dada à prática de exercícios físicos ao ar livre, realizados na cerca daquela instituição, sob a diligente orientação do Comandante Melo Machado, o qual, passando a Escoteiro-Chefe Honorário do Grupo, proporcionou a que ocupasse o lugar da chefia efectiva um elemento a quem o Grupo ficaria a dever dedicação sem limites e direcção firme e eficaz: o chefe Abílio Santos.

Foi sob o impulso deste reputado dirigente que o Dois prosseguiu na sua marcha ascensional desenvolvendo uma actividade intensa, com acampamentos consecutivos e exercícios escotistas em várias localidades dos arredores de Lisboa.

Iniciam-se os primeiros contactos internacionais com a recepção aos escoteiros ingleses de Hastings e a um grupo francês.

Como que a revelar o espírito de serviço que os chefes iam incutindo nos rapazes, os escoteiros do Dois cooperaram, com rapazes de outros grupos, na prestação de socorros durante uma revolução ocorrida em 1915. Também no ataque ao incêndio no Arsenal da Marinha, os rapazes do Dois com os restantes escoteiros de Lisboa souberam mostrar-se dignos da divisa que ostentavam, colaborando no ataque e salvando das chamas muitos valores que no edifício se encontravam.

Foram estas algumas das duras provas a que o Segundo Grupo foi sujeito, numa época em que o ser escoteiro era uma contínua prova de resistência contra um meio desfavorável. Desde então o grupo tem mantido a sua actividade, por vezes longe do nível que se refere neste apontamento, mas, de qualquer maneira, meritória em face do espírito de perseverança que denuncia.

Seria injustiça não incluir nesta resenha um apontamento dedicado ao chefe Luís Grau Tovar de Lemos, um dos históricos dirigentes do Dois, pois durante vinte e cinco anos, ou seja metade da vida desta unidade, ocupou a chefia do grupo. Nesse longo espaço de tempo, o Dois mostrou-se como uma das mais fortes unidades dos Escoteiros de Portugal, mercê não só da sua orientação criteriosa, como também de um numeroso e escolhido efectivo.

Ao cabo de meio século de vida deste famoso grupo de escoteiros, fazemos votos de que o Dois prossiga na sua marcha para o futuro com os olhos postos nos magníficos exemplos de dignidade, dedicação e companheirismo revelados pelos homens que, nesses tempos já tão recuados, cavaram os alicerces desta histórica unidade escotista.



# UM ARDIL DE GUERRA DO PRÍNCIPE PERFEITO

Todo o Escoteiro conhece a importância que, quer na caça, quer na guerra ou ainda na descoberta dum crime, têm as pegadas tanto do homem, como de animais, desempenhando papel de grande utilidade pelas preciosas indicações que podem fornecer. Baden-Powell, no livro «Escotismo para Rapazes», dedica ao assunto especial importância, advertindo-nos de quanto é difícil a arte de um bom pisteiro ao mesmo tempo que nos conta alguns casos de pisteiros bastante experimentados e até factos com ele próprio ocorridos, como, por exemplo, o de ter conduzido uma coluna militar, de noite, através uma parte muito acidentada dos Montes Matopo, na Rodésia, para atacar um reduto inimigo, tacteando, ora com as mãos, ora com as solas dos seus sapatos, já bastante gastas, as suas próprias pegadas produzidas na véspera por ocasião do reconhecimento que efectuara.

Que tal importância já vem de muito longe é exemplo o episódio que hoje narramos aos nossos leitores e que se nos deparou ao lermos a magnífica obra «D. João II, O Homem e o Monarca» da autoria do notável escritor Mário Domingues, um Antigo Escoteiro, por quem há muito nutrimos uma profunda admiração, ainda muito antes de o sabermos Antigo Escoteiro, e cujos livros, admiráveis, têm sido para nós fecundas e proveitosas lições de História e de Estilo, que nos têm proporcionado horas inolvidáveis de elevada espiritualidade e evocação.

Desse curioso episódio de guerra medieval, ocorrido em 1477, avultam em toda a sua pujança o espírito prático e sagaz do atilado príncipe D. João, de vinte e dois anos apenas, mas tendo já sobre os ombros a pesada regência do reino, na ausência de seu pai, o rei D. Afonso V, então em terras de França, buscando junto de Luís XI, auxílio para a luta contra Castela, em que andava empenhado, e o papel importantíssimo, desempenhado pelas pegadas produzidas por cavalos, no inesperado desfecho duma batalha que esteve iminente.

Do seu notabilíssimo livro sobre a complexa personalidade de D. João II, porventura o maior rei que Portugal teve, transcrevemos, pois, de Mário Domingues, com as nossas saudações escotistas a tão ilustre companheiro, o passo que tão curioso se nos afigura apontar aos nossos Escoteiros:

*Por essa mesma época, enquanto Fernando procurava apoderar-se das fortalezas nas imediações de Toro e de Zamora, Isabel, na Estremadura, tratava de intensificar a guerra na fronteira portuguesa. Por sua ordem, Alonso de Cárdenas, mestre de Sant'lago, passou o Guadiana, com duas mil lanças, supõe-se que por alturas de Monsaraz, vindo pernoitar junto da ribeira de Degebe, no intuito de fazer, no dia imediato, uma correria pela região.*

*O príncipe, que chegara a Évora, vindo de Elvas, e não dispondo senão de forças insignificantes comparadas com as dos invasores, serviu-se da sua astúcia para atalhar o perigo. Nessa mesma noite, expediu Diogo da Silva Meneses e João de Sousa, apenas seguidos de trinta homens de cavalo, com o seguinte recado para o mestre de Sant'lago: acabara de entrar em Évora, nesse dia, e soubera da sua vinda; pedia-lhe que não se desse ao trabalho de avançar mais, porque ele próprio o iria procurar, antes de romper o dia.*

*Mas o príncipe fizera aos seus emissários uma recomendação, que Alonso de Cárdenas nem sequer sonhou: que passassem todo o resto da noite, a passear os cavalos de cá para lá, no caminho de Évora, por forma a produzir um rastro correspondente a muitas centenas de ginetes.*

*O mestre de Sant'lago mandara dizer a D. João que era a ele que competia ir ao encontro de tão excelso príncipe para lhe oferecer batalha, o que faria logo ao amanhecer.*

*Entretanto, D. João reunia todas as forças que lhe era possível e, enquanto fazia estes preparativos, mandava à frente o bravo bispo de Évora, D. Garcia de Meneses, com trezentos homens de cavalo, também com a recomendação de fazer com eles tantos falsos rastros quantos pudesse. O prelado assim procedeu e, depois, foi ocultar-se com a sua hoste num vale, próximo do arraial dos castelhanos.*

*Resoluto, Alonso de Cárdenas ordenou a marcha para Évora. Pelas suas informações, o príncipe achava-se muito desfalcado de tropas; a ocasião era óptima para o atacar com todas as probabilidades de êxito.*

*Pág. 7* ——————→



## NA ROCHA DO CONSELHO

### O LOBITO DEIXA A ALCATEIA

A passagem do Lobito a Escoteiro é um acto solene. Antes do Lobito abandonar a Alcateia, deve realizar-se um acto de despedida, que não é um acto triste, mas de muita alegria. O Lobito sobe ao reino dos homens. Depois deste acto, a Aquelá conduz o antigo Lobito à Tribo, onde o respectivo Chefe o recebe e apresenta depois aos escoteiros. O antigo Lobito passa a ser aspirante e só mais tarde faz a Promessa. O Cerimonial pode ser conhecido através de um Manual de Lobitismo. Hoje temos o prazer de apresentar, em toda a sua simplicidade, o discurso de despedida que o Lobito Jorge Alberto Alves da Silva, Guia de uma Alcateia do C. N. E., fez por ocasião da despedida de alguns dos seus companheiros:

*Caros Lobitos:*

*É com sincera pena que vemos partir estes companheiros, mas esperamos que continuem a vida de lobito, fazendo a B. A. e os compromissos a que se comprometeram, não esquecendo de que são lobitos e que o serão sempre.*

*Ao deixardes esta Jangal esperamos que não pensem que nela não podem voltar a entrar, porque o vosso pensamento é errado, e sendo assim sereis sempre bem recebidos nela.*

*A lição que nos destes, a da coragem, a do triunfo e a da vitória, é grande e todos nós tentaremos segui-la.*

*Ao dizer adeus à Alcateia era bom que esse adeus não fosse de tristeza, mas de alegria, porque vós ganhastes a insígnia de lobito, e um verdeiro escuta nunca se contenta de obter o bom, mas sim vai sempre avante e sempre da melhor vontade.*

JORGE ALBERTO

* * *

Estas palavras sinceras e singelas de um Lobito, contêm no entanto todo o significado da passagem de lobito a escoteiro. Não é um momento de tristeza, mas de alegria, porque um irmão lobito conseguiu a vitória, ganhou a insígnia, e vai subir à Tribo, vai ser Escoteiro. É a hora do triunfo, aquela que todos os Lobitos buscam.

# Foi remodelada a Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal



Contra-Almirante Henrique dos Santos Tenreiro—Presidente dos Escoteiros de Portugal



Comodoro Daniel Duarte Silva Ex-Escoteiro-Chefe-Geral



Comandante Joaquim David de Carvalho—Escoteiro-Chefe-Geral



Albano da Silva Secretário-Geral

No dia 22 de Novembro passado, o Sr. Almirante Henrique Tenreiro, presidente dos Escoteiros de Portugal, deu posse no seu gabinete aos dirigentes que vão ocupar novos cargos na Direcção Central, os Srs. Capitão-de-mar-e-guerra Joaquim David de Carvalho, Albano da Silva e capitão-de-fragata Domingos Diogo Afonso, que ficam a desempenhar, respectivamente, os cargos de escoteiro-chefe-geral, secretário-geral e tesoureiro-geral.

Ao acto assistiram os Srs. Comodoro Daniel Duarte Silva, escoteiro-chefe-geral cessante; Júlio Rocha Borges, tesoureiro-geral cessante; Manuel Lopes Peixoto, secretário das relações internacionais; Dias de Almeida e Garcia de Almeida, vogais da Direcção; e Luís Grau Tovar de Lemos, adjunto do chefe-geral.

O Sr. Secretário das Relações Internacionais aproveitou o ensejo para entregar ao Sr. Almirante Tenreiro o diploma correspondente à Medalha «Silver Tamara», a mais alta condecoração dos Escoteiros das Filipinas, medalha que lhe fora entregue pelo Presidente daquela Associação em Setembro do ano passado, por ocasião da 18.ª Conferência Mundial do Escotismo.

Aquele diploma, que foi agora enviado através do Sr. Cônsul de Portugal em Manila, é um valioso e artístico documento, de pergaminho e com iluminuras, no qual se faz menção dos altos serviços prestados pelo Sr. Contra-Almirante ao Movimento, mormente no que se refere às relações internacionais, devendo-se-lhe as facilidades conseguidas para a realização da reunião de Comissários Internacionais em 1950, no Forte das Maias; a ida de um contingente ao Acampamento Internacional de Patrulhas, em São Paulo, em 1954; e, em 1957, ao Jambori do Jubileu, em Inglaterra.

O Sr. Presidente agradeceu aos empossados terem aceite o convite para desempenharem aqueles cargos e teve palavras de reconhecimento para o Sr. Comodoro Duarte Silva e Júlio Rocha Borges, pondo em relevo os serviços prestados à Associação, destacando a dedicação do ex-escoteiro-chefe-geral. Afirmou ainda o seu desejo de encetar uma nova fase de acção que possa contribuir para o progresso e desenvolvimento dos Escoteiros de Portugal e pediu a todos que se esforçassem para o conseguir.

O Sr. Comodoro Duarte Silva disse que tinha tido muita honra em servir o Movimento e que estaria sempre pronto para auxiliar a nossa Associação.

O novo Escoteiro-Chefe-Geral agradeceu os cumprimentos e afirmou que contava com a colaboração de todos para que pudesse ser feita alguma coisa de positivo para que a A. E. P. retome o lugar a que tem direito.

* * *

A remodelação agora feita significa o interesse da Direcção Central em procurar contribuir de uma maneira eficiente para o progresso dos Escoteiros de Portugal e os votos expressos dão-nos fundamentadas esperanças de que alguma coisa de interessante vai ser feita. Isso nos é garantido pela personalidade dos empossados. O Sr. Comandante David de Carvalho é oficial da armada com brilhante folha de serviços, conforme notas biográficas que noutro local publicamos.

O Sr. Albano da Silva foi escoteiro-chefe do Grupo n.º 1 numa época em que aquele grupo era uma importante unidade e ali prestou relevantes serviços, tendo, além disso, desempenhado cargos associativos em diversas ocasiões. Foi já secretário-geral, quando o Dr. Tovar de Lemos era presidente da Associação e a forma como então desempenhou o seu cargo acreditou-o como dirigente competente, metódico e cumpridor, qualidades de que tem sempre dado eficientes provas. A Associação terá, portanto, um secretário experiente e profundamente conhecedor do Escotismo nacional e dos seus problemas.

O Sr. Comandante Diogo Afonso, ex-secretário-geral, é também um oficial culto da nossa Armada, professor da Escola Naval, com larga folha de bons serviços, que há 10 anos serve os Escoteiros de Portugal, e cujo espírito conciliador e afável lhe tem granjeado inúmeras simpatias. Especializado em serviços administrativos, a sua competência garante-nos que a Tesouraria-Geral ficará em muito boas mãos. Esperamos que a nova Direcção se ocupará agora da organização do Serviço de Material e Uniformes, cuja falta tem causado grandes transtornos aos grupos.

Como afirmámos no número de Outubro passado, o afastamento do Sr. Comodoro Duarte Silva representa uma perda para o Movimento, embora continuemos a contar com a sua valiosa cooperação. Mesmo a sua saída é uma prova do interesse que lhe merece o Escotismo pois é a consequência de importantes responsabilidades noutros sectores que o impedem de dedicar ao Movimento aquela atenção que desejaria e considera indispensável. A sua passagem pela Direcção constituiu um alto exemplo de espírito escoteiro, expresso pela forma compreensiva como atendia todos os dirigentes e, sobretudo, pela maneira tolerante e respeitosa que usava para com todos os sectores confessionais do Movimento, sem prejuízo nem cedência das suas convicções pessoais. Um exemplo que todos nós deveremos seguir.

«Sempre Pronto» deve ao Sr. Comodoro Duarte Silva provas de simpatia e interesse que nunca esquecerá.

---

N. da R. — Gostaríamos de ter publicado a fotografia do novo Tesoureiro-Geral, Comandante Diogo Afonso, mas não nos foi possível obtê-la.

## Região Centro

### Escoteiro-Chefe-Regional Adjunto

O Sr. Mariano Garcia Inácio solicitou a sua exoneração do cargo de Chefe-Regional Adjunto, exoneração que foi publicada no Boletim Oficial de 30 de Novembro passado, dando assim satisfação ao que com tanto interesse pedira.

## FILATELIA

### Exposição Internacional de Filatelia Escoteira da Áustria

A esta exposição que, como noticiámos, se realizou em Viena, concorreram 40 expositores que apresentaram outras tantas colecções.

O nosso amigo Sr. Wolfgang Karl que apresentou a sua valiosa e completa colecção de Portugal, selos, sobrescritos comemorativos e carimbos de correio, bem como vinhetas, recebeu uma Medalha de Bronze, tendo a sua colecção sido muito apreciada,

# O Maestro António Gonçalves

## apresentou três Bandas portuguesas num concurso mundial de música de amadores

Este jornal, desde a primeira hora, tem dedicado especial interesse ao movimento dos antigos escoteiros e às actividades daqueles que, nas nossas fileiras, receberam os primeiros impulsos no ganho de aptidões que os colocaram em posição de se tornarem elementos eficientes na sociedade.

Sendo assim, não podíamos deixar de dar relevo a um acontecimento deveras notável, que teve como protagonista um velho escoteiro do Um, o nosso estimado amigo e assinante sr. António Gonçalves. Referimo-nos à participação portuguesa no Concurso de Bandas Civis, integrado no IV Concurso Mundial de Música de Amadores, que, como em anos anteriores, se realizou em Kerkrade, na Holanda. Nesse certame internacional, o maestro António Gonçalves, numa clara demonstração de zelo, dedicação e capacidade de trabalho e conhecimentos musicais, obteve honrosíssimas classificações para as três bandas que ali levou e dirigiu, repetindo, e de certo modo ampliando, o êxito conseguido no anterior concurso.

Este ano, a Banda da Sociedade Filarmónica Primeiro de Dezembro, do Montijo, alcançou o 3.º prémio em 1.ª categoria e o 1.º prémio no Concurso de Marchas. Por outro lado, a Banda da Sociedade Filarmónica e Recreativa, de Pero Pinheiro, conseguiu o 2.º lugar e a Banda da Sociedade Filarmónica Amizade Visconde de Alcácer, de Alcácer do Sal, o 3.º prémio, ambas em 2.ª categoria.

— Levei este ano a Kerkrade três bandas — diz-nos o sr. António Gonçalves na conversa que sobre o assunto entabolámos — e não estou arrependido. É certo que tive muito trabalho, mas, por exemplo, a Banda de Pero Pinheiro não parece a mesma. Agora, dados os resultados obtidos, já tenho o direito de pedir mais esforço.

### UM ÊXITO NOTÁVEL

E prossegue:

— Para os holandeses, ensaiar três bandas e classificá-las no concurso é coisa inconcebível. Mal sabem eles que já tive a meu cargo quatro bandas!

Realmente, pode-se considerar, sem favor, uma autêntica proeza os resultados alcançados na Holanda. As homenagens de que foram alvo as representações portuguesas por parte dos organizadores, são sinal inequívoco do apreço pela actuação das três bandas. Basta dizer que, durante um cortejo efectuado através das ruas de Kerkrade, sobre os ombros do Maestro António Gonçalves foi colocada uma coroa de louros, tendo toda a população aclamado os portugueses com manifestações da maior simpatia e carinho.

A este respeito, confessa-nos o nosso maestro:

— A hospitalidade do povo de Kerkrade jamais me esquecerá. Na recepção no Município, o Burgomestre afirmou que tinha tido o maior gosto em nos receber e ser-lhe-ia muito grato voltar a ver-nos de novo em Kerkrade, porque todos nós caberíamos na sua terra e no coração do seu povo. Também o sr. Theo Iding, presidente da Banda Real Santa Filomena, de Kerkrade, teve para connosco estas sensibilizantes palavras. «A amizade de Portugal foi um revelação para nós e estou certo de que Portugal também nunca mais esquecerá Kerkrade». Este gesto de hospitalidade é para mim e para os meus músicos um forte incentivo para voltarmos. Agora tenho quatro anos à minha frente para trabalhar e uma autoridade maior para reclamar esforço.

As bandas portuguesas ofereceram ao Burgomestre de Kerkrade, dr. Th. Gijsen, diversas lembranças, entre elas uma caravela em filigrana. Por sua vez, por deliberação do Conselho Municipal, foi concedida, a cada um dos conjuntos musicais, a Medalha de Ouro da cidade.

### UMA HOMENAGEM JUNTO AO MONUMENTO DO MINEIRO

Outra cerimónia que tocou vivamente o povo de Kerkrade foi a colocação, no Monumento do Mineiro existente na povoação, de uma lápida com as armas municipais artisticamente desenhadas em mármore de Estremoz e de Pero Pinheiro, oferecida pela banda desta localidade.

Convém dizer a propósito desta digressão que o nosso amigo António Gonçalves mais uma vez deu provas da sua formação escotista com a maneira como encarou e venceu as mil e uma contrariedades que se opunham à ida dos músicos portugueses à Holanda. Por exemplo, a Banda de Pero Pinheiro não possuía nem instrumentos, nem uniformes em boas condições. Dinheiro também faltava por completo. O povo daquele lugar, galvanizado no seu entusiasmo por este nosso amigo, quotizou-se, organizou festas, reunindo assim os fundos que lhe era possível arranjar. Depois o valioso patrocínio dos srs. Governador Civil de Lisboa e Presidente da Câmara Municipal de Sintra tornou possível a compra de fardamentos. E, do sonho, passou-se à realidade...

### UMA EFECTIVA CONTRIBUIÇÃO PARA O PROGRESSO ARTÍSTICO DO POVO PORTUGUÊS

António Gonçalves confidencia:

— O nosso povo perdeu um tanto aquela faceta que lhe era peculiar: o gosto pela música. Por outro lado, a sua atenção tem sido atraída para outras diversões, cujo progresso tem sido incentivado. De forma que as nossas idas à Holanda podem contribuir, em muito, para o reacendimento deste antigo entusiasmo. Não é só um passeio agradável; são iniciativas que deixam sempre qualquer coisa: o progresso artístico.

Da retumbância do êxito alcançado, falam as recepções em Alcácer do Sal, Montijo e Pero Pinheiro no regresso da viagem. O povo destas localidades exprimiu, em termos de enorme regozijo, a satisfação pela forma como os portugueses actuaram num concurso onde se apresentaram 140 bandas provenientes de 27 países. Foram dias de festa naquelas povoações, a que se associaram entidades oficiais e em que ficou definitivamente demonstrada a competência e a dedicação de António Gonçalves, sobre quem um dirigente da Filarmónica de Alcácer do Sal teceu as seguintes considerações: «O maestro Gonçalves empolga todos quantos trabalham com ele».

Bastariam estas palavras para avaliarmos da estatura verdadeiramente escotista daquele nosso amigo e termos oportunidade assim de lhe endereçar um sincero parabém pela forma como tem sabido levar a bom fim a missão que tomou à sua responsabilidade.

★ ● ★

**Este número foi visado pela Comissão de Censura.**

# «SEMPRE PRONTO»

## FUNDO DE MELHORAMENTOS

**Movimento respeitante ao ano de 1962**

Contribuição dos Senhores:

| | |
|---|---|
| António Augusto da Silva e Cunha — Sintra..... | 20$00 |
| Jacinto dos Reis Moniz Silva — Angra do Heroísmo ..... | 20$00 |
| Rev. João Pacheco dos Santos — Bermudas... | 28$20 |
| Eugénio Ribeiro Nunes — Dafundo..... | 20$00 |
| Carlos Alberto Filipe — Canadá ..... | 50$00 |
| Rui Alberto Martins Campos — Lisboa..... | 20$00 |
| Francisco do Nascimento Pina — Olhão..... | 20$00 |
| Total.... | 178$20 |

A todos estes nossos dedicados amigos reconhecidamente agradecemos as gentis ofertas.

## ASSINATURAS

Dada a circunstância da cobrança das assinaturas pelo correio, em virtude de alterações introduzidas nos serviços, ficar por vezes muito dispendiosa, somos forçados a fazer uma pequena alteração no preço da Quota anual para «Sempre Pronto», que será de Esc. — 20$00 para o Continente e Ilhas Adjacentes. Trata-se de um aumento de apenas Esc. — 2$00, equivalente a quinze centavos por mês, com o que estamos certos todos os nossos assinantes concordarão. Aqueles que quiserem fazer o favor de nos enviar directamente a importância da quota anual, poderão continuar a pagar os habituais 18$00, e ainda nos prestarão um grande serviço, particularmente os nossos assinantes da Província.

## ASSINANTES PATROCINADORES

Para substituir o movimento do «Fundo de Melhoramentos» através do qual Amigos dedicados contribuíam com uma quota suplementar para o nosso jornal, foi resolvido criar a categoria de «ASSINANTE PATROCINADOR», categoria absolutamente voluntária, cuja quota anual será de Esc. — 30$00, já praticada por alguns dos nossos amigos dedicados. Os assinantes que nos quiserem honrar com mais esta ajuda, farão o favor de nos comunicar. Escusado será dizer que do número de PATROCINADORES dependerá em grande parte a possibilidade de realizarmos as remodelações no nosso jornal que temos previstas.

Esperamos a sua adesão, caro Leitor!



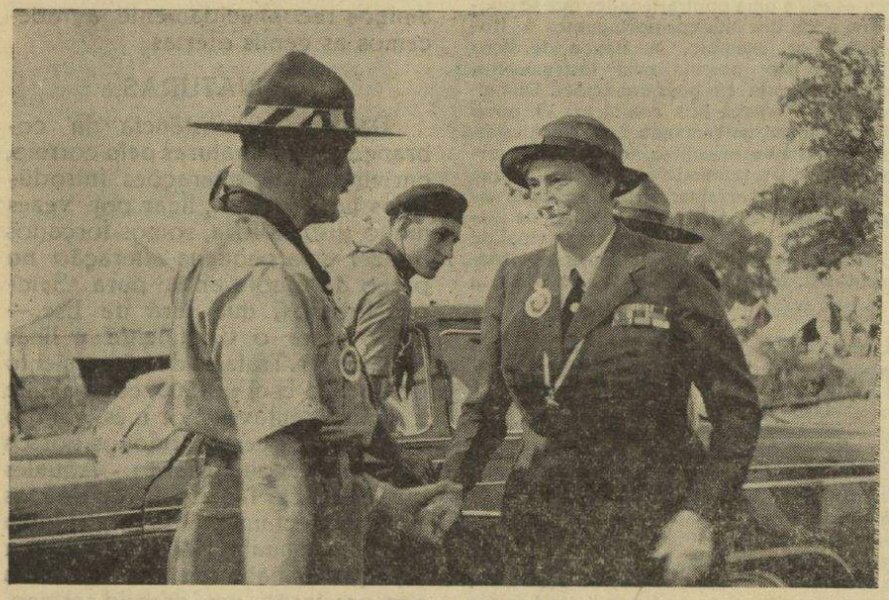

# Faleceu Lorde Peter Baden-Powell filho do Fundador do Escotismo

Por telegrama distribuído à imprensa pela agência *France Presse*, em 10 do corrente, soube-se que faleceu em Londres, no Hospital St. Bartholomew, Lorde Arthur Robert Peter Baden-Powell, filho do fundador do Escotismo e figura muito conhecida nos meios escoteiros, tendo desempenhado diversos cargos tanto no Escotismo Britânico como em federações internacionais, especialmente nos Antigos Escoteiros.

O falecido esteve presente no Jamboree do Jubileu, que se realizou em Inglaterra em 1957, onde na grande representação sobre a história de Baden-Powell e do Escotismo desempenhou com muito acerto o papel de Fundador, para o qual estava particularmente indicado dadas as semelhanças com seu pai.

Nessa ocasião, tivemos o prazer de o cumprimentar e a nossa objectiva fixou o instantâneo da gravura que aqui publicamos, onde surpreendemos o seu encontro com sua mãe, Lady Olave Baden-Powell.

Sabemos que o falecido tinha muitas amizades na nossa província de Moçambique, e, em conversa com um nosso amigo, teve certa vez ocasião de manifestar o seu apreço pela obra civilizadora dos Portugueses naquela província ultramarina.



Lady Baden-Powell encontra-se no Jamboree com seu filho o falecido Lorde Baden-Powell

## Comodoro Daniel Duarte Silva

Teve a gentileza de nos procurar na nossa Redacção e nos apresentar cumprimentos, por motivo de ter deixado de exercer as funções de Escoteiro-Chefe-Geral, o nosso estimado e ilustre amigo Sr. Comodoro Daniel Duarte Silva, que teve palavras de muito apreço para a obra empreendida por «Sempre Pronto», e, afirmando a sua compreensão, expressou o seu agradecimento pela colaboração que, afinal no simples cumprimento do nosso dever, lhe dispensámos durante os dez anos em que desempenhou aquele alto cargo escoteiro, tendo afirmado que o nosso jornal e o Movimento contavam sempre com o seu interesse e apoio.

## Telegrama do E. C. L. G. Tovar de Lemos

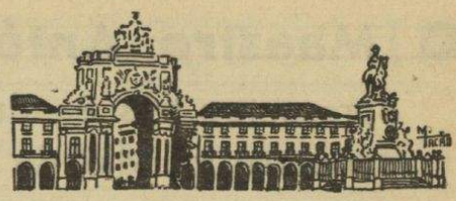
← *Pág. 1*

de alegria pelo seu aniversário, fazendo votos porque os seus dirigentes façam deles homens honrados e dignos como tive orgulho de conseguir na maioria dos meus rapazes durante os 25 anos em que fui seu Escoteiro-chefe.

Esses homens de hoje são o testemunho de uma obra séria então realizada.

*a)* Luís Grau Tovar de Lemos

Todos os que trabalham em «Sempre Pronto» se sentem muito honrados com a amável atenção do Sr. Comodoro Duarte Silva, a quem reconhecidamente agradecem as palavras de simpatia.



# ESCOTISMO NA CAPITAL

## FESTA DO GRUPO N.º 8

No dia 1 do corrente, o Grupo n.º 8 «Pedro Alvares Cabral», realizou na sua sede, na Rua Febo Moniz, uma interessante festa recreativa.

Foram projectados filmes escoteiros e representadas duas peças: «Uma consulta maluca» e «Os Escoteiros ou Mais depressa se apanha um mentiroso...», original de Pedro Bandeira. As peças foram desempenhadas com muito acerto pelos escoteiros José Sebastião Santos, Orlando Pinheiro, Carlos T. Camilo, António Luís Eça e José Luís Terramoto, os dois últimos só na segunda. A sala estava repleta, tendo o público acompanhado com muito agrado o trabalho dos jovens artistas. Raras vezes vemos festas recreativas escoteiras e é pena que estas se não repitam mais frequentemente. Podemos no entanto afirmar que esta esteve dentro dos moldes descritos por B. P. Não podemos deixar de salientar os escoteiros Orlando Pinheiro e José Sebastião Santos, pela forma como actuaram e pelo seu espírito humorístico. As suas actuações cómicas estiveram muito bem. De uma maneira geral todos os rapazes se desempenharam com agrado dos seus papéis. Todo o trabalho de encenação e ensaio esteve a cargo do Sr. António Gonçalves, pai do Chefe do Grupo, cuja experiência e valor artístico se tem afirmado já em outras iniciativas do mesmo género, particularmente em Vila Real de Santo António.

Parabéns aos rapazes do «Oito».

# V Jambori do Ar

## A participação do «Sempre Pronto»

No domingo, 21 de Outubro passado, por especial gentileza do nosso amigo Sr. Afonso Correia, proprietário da estação Rádio Emissora de amador, CT 1 — KM de Lisboa, «Sempre Pronto» esteve *no ar* procurando entrar em contacto com estações de rádio-amadores participantes no Jambori do Ar. Havia nesse dia intensa actividade de postos de rádio, muitos deles emitindo o convencionado sinal C Q Jambori. Estando presentes no *shack* de CT 1 — KM, ouvimos algumas estações francesas, italianas e inglesas com o sinal de chamada C Q Jambori, sem contudo se poder entrar em contacto devido a forte Q R M (muitas interferências provenientes do elevado número de estações no ar), e à faixa de 14 Mc/s estar superlotada. Nas outras faixas não havia propagação.

Fizeram-se repetidas chamadas na banda dos 20 metros e, conquanto se entrasse em contacto inicialmente, logo se perdia o mesmo devido a interferências.

Foi ainda possível estabelecer comunicação com uma estação do Canadá, que, segundo informes do operador de nome Marcel, distava 5 km. da estação da Repartição Mundial do Escotismo, em Otava. O indicativo desta estação do Canadá era: VE 2 — BGZ, e a comunicação foi feita às 14.45 h. G. M. T.

Embora com poucos resultados, parece que pela primeira vez o nome de Portugal Continental se fez ouvir no Jambori do Ar.

Ao prestável proprietário do C T 1 — KM agradecemos a sua gentil cooperação.

# Sòmente um esclarecimento

*A muita consideração que nos merecem os Leitores de «Sempre Pronto» exige que façamos nestas colunas um breve esclarecimento.*

*Numa reunião recentemente realizada num restaurante de Lisboa, ao repasto, veladamente foram feitas censuras ao nosso jornal e uma delas deve ser esclarecida porque pretendeu atingir um princípio que muito prezamos: o respeito que devemos aos nossos Leitores. Dizia-se que não noticiamos actividades escoteiras que se realizam no nosso país, faltando por isso ao dever de informar. A verdade, porém, é que nestas colunas se faz registo de tudo o que de importante e digno é realizado pelos Escoteiros de Portugal, dentro das nossas possibilidades de informação. Há de facto certas actividades a que «Sempre Pronto» se não tem referido. Mas aqueles acusadores sabem perfeitamente que, apesar de efectuarem profusa distribuição de propaganda e convites, não enviam a este jornal qualquer participação. Essas iniciativas são portanto por nós quase sempre ignoradas e se acaso temos delas conhecimento através da imprensa diária, concluimos muito naturalmente que os seus promotores não desejam vê-las referidas em «Sempre» Pronto», onde aliás não poderiam ser publicadas com as inexactidões e fantasias impingidas à imprensa não especializada. Pois são exactamente esses indivíduos, que esquecem a existência de «Sempre Pronto» e se desinteressam da informação que devem aos nossos Leitores, que vêm verter lágrimas por terem sido justamente ignorados.*

*Notemos, porém, que se essas actividades se revestissem de cunho escoteiro pela verdade e elevação de que se rodeassem, e tivessem portanto valor para os nossos estimados Leitores, nós lhe faríamos referência, ainda que contra a vontade dos seus promotores.*

*Quanto ao desenvolvimento que damos a outras notícias, é ainda o interesse dos Leitores que temos em consideração. Acolhemos com simpatia todos os que se nos dirigem acerca de actividades sérias, às vezes modestas, mas de cunho sinceramente escoteiro. Se essas notícias dizem respeito a Grupos onde contamos maior número de Leitores, damos-lhes maior desenvolvimento, embora relativo à importância da actividade. Partimos, porém, do princípio de que a maior número de leitores corresponde mais interesse para as notícias.*

*No que se refere à restante argumentação, ser-nos-ia ainda mais fácil denunciar as boas intenções dos nossos desleais acusadores. Bastaria um pouco de história acerca de acontecimentos recentes, mas porque muito prezamos os Leitores e os nossos Colaboradores não consentiremos que seja prejudicado o nível de dignidade que sempre imprimimos a estas colunas.*

*Continuaremos a lutar por um Escotismo sério, que possa apresentar-se como movimento educativo e formativo de caracteres. E daqui não arredaremos uma polegada. Desistam portanto aqueles que desejariam a arrastar-nos para uma polémica deselegante.*

• U •

## Dicionário de Sinónimos

Este dicionário, que temos na nossa mesa de trabalho, com 996 páginas, impressas em bom papel, é uma notável realização da Tertúlia Edípica, que o editou, e constitui um valioso elemento de trabalho intelectual, indispensável a todos aqueles que lidam com as letras, profissionais ou estudantes.

A venda é feita em 6 fascículos a 25$00 e a obra completa, encadernada, custa 165$00. Os pedidos devem ser dirigidos àquela Tertúlia, na Rua de Arroios, 11-r/c-esq., Lisboa 1.

## UM ARDIL DE GUERRA DO PRÍNCIPE PERFEITO

← Pág. 3

*Mas, em determinado ponto do trajecto, descobriu trilhos de cavalos tão bastos que, pelos seus cálculos, excederiam um milhar. Suspicaz, depreendeu que essa força lhe ia ficar pela retaguarda e atacá-lo-ia pelas costas, ao mesmo tempo que, se avançasse, encontraria pela vanguarda as forças do príncipe, por certo muito mais numerosas, acabando por ser cercado e esmagado.*

*Receoso da cilada, mandou dar meia volta e, a toda a brida, retirou desordenadamente para Castela. Perto de Mourão, o capitão Diogo de Castro, com 150 lanças apenas, atacou lhe a retaguarda e aprisionou uma centena de homens de cavalo.*

Fernando e Isabel, mencionados no princípio da transcrição, ficaram imortalizados na História pelo epíteto de Reis Católicos. Sob o seu ceptro se começou operando a unidade da Espanha, pela união das coroas de Castela e Aragão e a conquista, aos mouros, do Reino de Granada.

Isabel, a Católica, mulher dotada de extraordinárias qualidades de energia e tenacidade, teve sempre por D. João II, de Portugal, que tanto a ela se semelhava por sua energia de carácter, um profundo respeito e tanta admiração que, quando a ele se referia, o designava sempre por «O Homem».

Antes de terminarmos, porém, uma pergunta ocorre fazer aos nossos Escoteiros:

Seria o mestre de Sant'Iago um bom conhecedor de pistas?

Parece que não, pois, se o fosse, teria talvez notado os trilhos dos cavalos em dois sentidos opostos, não lhes parece?

Luís Simões Aurélio

## Comand.te Joaquim David de Carvalho

O Comandante Joaquim David de Carvalho é oficial distinto da nossa Marinha de Guerra. Foi alistado como aspirante de Marinha na Escola Naval em 13 de Outubro de 1926 e promovido a capitão-de-mar-e-guerra, seu actual posto, em 3 de Junho de 1960.

Possui, entre outras condecorações, as Medalhas de Mérito Militar e de Serviços Distintos, o grau de Comendador da Ordem de Avis e o grau de oficial de Mérito Naval do Brasil. É especializado em electricidade, torpedos e minas, e em navegação submarina. Possui o curso de Defesa Atómica, Biológica e Química, tendo frequentado recentemente o curso do Colégio de Defesa dos países da N.A.T.O.

Depois de ter sido comandante de submarinos, durante vários anos foi Director do Serviço de Submersíveis e presta actualmente serviço no Estado Maior da Armada. É um grande entusiasta pelos desportos, sendo presidente da Federação Portuguesa de Vela.

Grande admirador das virtudes do Escotismo desde o seu tempo do liceu, recordando os relevantes serviços prestados pelos Escoteiros por ocasião da pneumónica, em 1918, é grande amigo da A.E.P. e a esta vem prestando há algum tempo a sua valiosa colaboração como Escoteiro - Chefe - Geral Adjunto, podendo afirmar-se que se lhe deve já a resolução de importantes assuntos relacionados com o Campo da Costa de Caparica.

Por ocasião da 18.ª Conferência Internacional realizada em Lisboa, em Setembro do ano passado, representou a A.E.P. em algumas actividades e teve oportunidade de entrar em contacto com algumas das mais altas figuras do Escotismo Mundial, o que contribuiu para aumentar o seu já grande interesse pelo Movimento.

É este o perfil do novo Escoteiro-Chefe-Geral dos Escoteiros de Portugal, em quem todos depositam fundamentadas esperanças para orientar e promover um novo e mais intenso progresso do Escotismo.

★ ● ★

## O CHARADISTA

Recebemos a visita desta interessante revista, órgão oficial da Tertúlia Edípica. Publica-se bimestralmente e insere profusa colaboração da especialidade. Excelente aspecto gráfico.

**Agradecemos.**

## O sr. Comodoro Duarte Silva e o sr. Júlio Rocha Borges foram agraciados pela A. E. P.

*O Boletim Oficial n.º 4/62, de 30 de mês findo, publicou o seguinte despacho do Presidente dos Escoteiros de Portugal:*

### LIS DE PRATA

«Considerando os serviços relevantes e distintos que o Exm.º Senhor Comodoro Daniel Duarte Silva, prestou ao Movimento no exercício do cargo de Escoteiro-Chefe-Geral durante cerca de dez anos, com a sua presença e chefia inteligente, fidelidade aos princípios escotistas, sentido equilibrado da sua orientação, é concedida ao Exm.º. Senhor Comodoro Daniel Duarte Silva o «Lis de Prata», como penhor da grande admiração dos ESCOTEIROS DE PORTUGAL e como prémio dos seus relevantes serviços.

### MEDALHA DE DEDICAÇÃO E BONS SERVIÇOS, CLASSE OURO

É concedida esta recompensa ao Exm.º Senhor Júlio Rocha Borges, que, durante cerca de dez anos, exerceu com a maior proficiência o cargo de Tesoureiro-Geral da A.E.P., tendo, com o seu entusiasmo e grande dedicação ao Movimento, conseguido resolver delicados problemas de tesouraria, nomeadamente com as deslocações dos contingentes representativos da Associação ao Acampamento Internacional de Patrulhas de S. Paulo (Brasil) e ao Jamboree do Jubileu, em Sutton Park (Inglaterra) e com as recepções às delegações de escoteiros estrangeiros que nos visitaram

★ ● ★

## Dos amigos do «Sempre Pronto»

**Chegadas**—A bordo do *Príncipe Perfeito*, chegou a Lisboa, no dia 13 do corrente, o nosso estimado amigo e antigo escoteiro sr. José da E. Figueira, primeiro sargento, que passou dois anos no Oriente na guarnição do «Gonçalves Zarco» em serviço de soberania nas nossas províncias de Macau e Timor. O nosso companheiro antigo escoteiro era aguardado no cais pelo nosso Administrador, outros amigos e pessoas de sua família, particularmente o seu filhinho de dois anos, nascido três meses após a sua partida.

● No mesmo barco, chegou a Lisboa o nosso estimado amigo e assinante Sr. Jaime Camacho da Cruz, há muitos anos residente na Beira.

**Apresentamos-lhes boas vindas.**



# PÁGINA DO ESCOTEIRO

*Meu caro Escoteiro:*

*Respondo com todo o prazer à tua carta de 20 do mês passado. A Boa Acção do Natal deve ser tanto quanto possível uma actividade colectiva da patrulha ou do grupo, mas preferìvelmente da patrulha, sem prejuízo dos gestos individuais de cada escoteiro. Tens razão, a B. A. deve ser fruto da iniciativa dos Escoteiros. Se existe na tua Patrulha esse caso especial que referes, naturalmente que a vossa Boa Acção pode muito bem ser constituída pelo auxilio a levar à família desse Escoteiro. Se esse auxílio for proveniente das vossas próprias casas, mais valor terá para o vosso companheiro. Esse acto, porém, deve ser praticado discretamente, só a Patrulha saberá o que se passou.*

*A B. A. do escoteiro é sempre um acto praticado sem propaganda, com muita amizade. O amor não humilha o beneficiado. A propaganda é vexatória.*

*Quanto à segunda pergunta, não estou de acordo contigo. Não façam pedinchice pelas portas. Isso não é próprio de Escoteiros e torna o Movimento aborrecido pela vizinhança. Se quiserem realizar alguma coisa de maior vulto, poderão verbalmente, mediante uma lista, colher ofertas entre os vossos familiares e amigos íntimos, mas nunca dar ao acto o aspecto de peditório público. Isso é detestável. Depois, a B. A. não será vossa, mas dos ofertantes.*

*Desejo-te, pois, e a todos os Escoteiros um Natal muito feliz pela felicidade que em vossa volta puderdes derramar.*

*Teu amigo*
LOBO VELHO

# É assim que o Chico Patatenra aprende!

— Então Guia: É hoje que me explicas como se tratam as queimaduras provocadas pelas chamas?

— Sim, senhor, seu Patatenra! — exclamou satisfeito o guia. — Pelo que vejo não te esqueceste do que te prometi no acampamento e estás ávido de saber. Não é assim?

— Eu não quero ser Patatenra por muito tempo — foi a resposta pronta do Chico — vamos lá então a ouvir isso.

— Bem — começou o Guia dos «Águias» — supõe tu que se ateava o fogo ao fato do Jorge e começava logo a arder. O que fazias para apagar as chamas?

— Soprava-lhe, batia-lhe com as mãos.

— E daí a pouco estavas tu e ele carbonizados — atalhou zombeteiro o Guia.

— Então era assim tão grave? Eu podia arder? — inquiriu o Chico.

— Toma atenção: O fogo pega-se com muita facilidade, e, portanto, é preciso tomar precauções. Primeiro, abafa-se a vítima num cobertor ou fazemo-la rebolar embrulhada num tapete. A água em quantidade também serve para extinguir as chamas. Porém, tudo isto deve ser feito muito ràpidamente, porque o fogo queima muito e, sobretudo, apavora a vítima que na sua aflição pretende correr.

— E que socorro devo prestar? — preguntou ansiosamente o Chico.

— Se o hospital for perto, deixa-se a vítima embrulhada e conduzimo-la assim mesmo, mas se for longe, deve manter-se a pessoa deitada para diminuir o estado de choque. Depois corta-se a roupa no local queimado para não aderir à queimadura. Nota que se não despe nem arranca. Se a queimadura está exposta, basta cobri-la com gaze esterilizada e correr para o médico. Assenta ainda que não se mudam os curativos.

— O Guia: Não se lhe põe vaselina ou óleo mineral?

— Não, Chico! Estas queimaduras normalmente são do 3.º grau e por isso muito perigosas. Só o médico as deve tratar. Olha, vou-te ensinar mais uma coisa: Se a queimadura for grande e se a pessoa estiver acordada, dá-lhe a beber uma solução de uma colher de chá de sal das cozinhas e meia colher de chá de bicarbonato de sódio num litro de água. Em cada 15 minutos um copo, mas se por acaso vomitar pára-se com o tratamento. De resto essa solução vai substituir os líquidos orgânicos perdidos.

— Muito bem — apoiou o Chico — hoje aprendi muito. Mas, ouve lá, falaste em *estado de choque*. Que vem a ser isso?

— Olha — propôs o Guia — passa amanhã por minha casa, porque hoje temos de encerrar a reunião e estou com pressa, pois ainda vou *queimar os miolos* a estudar a matemática para o exercício.

A. G. I.

**DOS AÇORES** — Grupo N.º 52

### Martin J. Weimar

Partiu recentemente para os Estados Unidos, depois de quatro anos de estadia entre nós, Martin J. Weimar, a quem nos referimos no número passado.

O Sr. Martin foi adjunto e Chefe de Alcateia da «Pack No. 1 — Lajes — Boy Scouts of America», prestando depois serviço na Direcção da Secção Escoteira (Troop I) da mesma organização, cuja presidência ocupou durante uns 48 meses, onde deu sempre provas de nítida compreensão da alta finalidade do Ideal Escotista e cooperou muito de perto com o Grupo n.º 52.

### Reunião Mensal do Grupo

Na reunião mensal realizada a 29 de Agosto, apresentou cumprimentos de despedida o Escuta Raul José Pereira da Costa, do Agrupamento do C. N. E., do Funchal, que conviveu com os Escoteiros de Portugal durante as suas férias, passadas na Ilha Terceira.

A Pereira da Costa, o Chefe Moniz Silva agradeceu os atenciosos cumprimentos, formulou votos de prosperidades escotistas, e pediu-lhe para ser portador das saudações do 52 para os seus Irmãos do C. N. E. na Madeira.

★ ● ★

# *Marco do Correio*

P. — *Que diferença fazem os exploradores dos escoteiros? Pertencem ambos à mesma Divisão? Pavão Real — Lisboa (15 anos).*

R. — Aqui tens a explicação, amigo Pavão Real: A diferença entre escoteiros e exploradores é simplesmente da idade e programa de actividade.

A idade do escoteiro é de mais de 11 aos 15 anos. A de explorador é de mais de 15 aos 17 anos, tornando-se em devida conta o desenvolvimento físico e mental de cada um.

A actividade do explorador deve ser um pouco mais «puxada», tanto física como intelectualmente, realizando-se em especial acampamentos com muitas provas de pioneirismo e destreza física.

Quanto à segunda pergunta, pertencem os exploradores à Divisão Escoteira, mas deve-se criar na Tribo uma subdivisão só para exploradores, que terá se possível o seu próprio chefe.

Ainda haverá dúvidas?

PATA DE LOBO